

## A CHUVA E ELE

Um dia de chuva agrada a poucos. Mas ela nunca se importou com quantidades. A chuva era só dela. Pois com ela perto, a água se sentia à vontade para cair. Os céus perderam a vergonha de abrigar a escuridão. E até o Sol - afugentado - por muito tempo ficou sem saber para onde fugir. Até encontrar um refúgio. Ele. Que sempre gostou mais do Sol. Que tinha um enorme brilho no olhar; um peito em brasas, e uma imaginação que criava asas e voava num céu que constantemente usava azul - sua cor favorita. As nuvens raramente o visitavam, mesmo sendo os seus olhos de Sol capazes de chover tempestades inteiras para curar a dor de uma tempestade em outros; ou nele mesmo. Mas a chuva... ah, a chuva era ela! E sempre foi desse jeito. Seus céus não vestiam outra cor senão preto. Um frio invernal dominava seu coração, e uma longa franja escorria sobre seus olhos, para sentir a todo instante a segurança de ter a chuva tapando a visão. Proteção. Ou medo do Sol. Ainda não acho que tenha sido algo pensado. Talvez se ela previsse, teria posto uma cortina maior; teria feito de tudo para tapar qualquer brecha na janela da alma. Mas aconteceu tudo tão rápido. Foi bem de repente que ele se aproximou dela e, com delicadeza e calma, afastou uma pequena mecha em seu cabelo, fazendo dois olhares se encontrarem. O tempo parou. Ele a fitava. Ela, envergonhada, tentou não olhar. Fingiu não vê-lo. Mas um feixe solar já a tinha invadido o peito. E ela, mesmo sem jeito, foi capaz de perceber nos olhos dele que o mundo que ele pensava conhecer acabara de mudar por completo. A última coisa que me disseram foi que o Sol brilhava quando ele a viu abrir a janela, deixando a chuva o molhar. Depois disso, não tive notícias dele. Apenas ouvi rumores. Boatos sobre um arco-íris no olhar, que espero ver fazendo, ao dela, companhia.